# POEMAS E SONETOS

10

## DO MESMO AUTOR

### POESIA

*LUZ GLORIOSA.* 1914. esgotado.
*POEMAS E SONETOS.* (Obra premiada pela Academia Brasileira). 1.ª edição. 1919. 2.ª edição. 1923.
*EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES.* 1922.

### PROSA

*PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA.* (Premio Academia Brasileira). 1.ª edição. 1919. 2.ª edição. 1922.
*O ESPELHO DE ARIEL.* 1923.

### A APPARECER

Prosa:

*Sob a Vinha Florida.*
*Estudos Brasileiros.* (1.ª e 2.ª séries).

Poesia:

*Jogos Pueris*
*A Cesta de Amoras.*

L.Por
C3317po

RONALD DE CARVALHO

# Poemas
# e
# Sonetos

(Obra premiada pela Academia de Letras)

2.ª EDIÇÃO

419326
3.2.44

1923
LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO
RIO DE JANEIRO

A ALBERTO DE OLIVEIRA.

## VIDA

PARA um destino incerto caminhamos,
Tontos de luz, dentro de um sonho vão;
E, finalmente, a gloria que alcançamos,
Nem chega a ser uma desillusão!

Levanta-se da sombra, entre altos ramos,
Como um fumo a subir, lento, do chão,
A distancia que tanto procuramos,
E os nossos braços nunca attingirão...

Mas um dia, perdidos, hesitantes,
A alma vencida e farta, as mãos tacteantes,
De repente, paramos de lutar;

E ao nosso olhar, cansado de amargura,
As montanhas têm muito mais altura,
O céo mais astros, e mais agua o mar!

# POEMAS DE AMOR

# NOCTURNOS

## I

ANOITECE...

Venho soffrer comtigo a hora dolente que erra,
Sob a lampada amiga, entre um vaso com rosas,
Um festão de jasmins, e a penumbra que desce...
Hora em que ha mais distancia e magua pela terra;
Quando, sobre os chorões e as aguas silenciosas,
Redonda, a lua calma e subtil, apparece...

O rumor de uma voz sobe no espaço, ecoando.
Mais um dia se foi, menos uma illusão!
E assim corre, igualmente, a ampulheta da vida.

Senhor! depois de mim, como folhas em bando,
Num crepusculo triste, outros homens virão
Para recomeçar a rota interrompida,
E a amargura sem fim de um mesmo sonho vão...

Nos dormentes jardins bolem asas incautas;
Sobre os campos, a bruma ondeia, devagar.
Estremecem no céo estrellas somnolentas,
E os rebanhos, que vão, na neblina lunar,
Agitam mollemente, ao longe, as curvas lentas
Das estradas de esmalte, ao rudo som das frautas.

Anoitece...
Fagulha ainda, no poente, a luz de alguns clarões,
E, emquanto sobre o meu teu olhar adormece,
Entre o perfil sombrio e vago dos chorões,
Redonda, a lua calma e distante, apparece...

## II

SOBRE o rio tranquillo, espelha-se um pomar.
Brilham nas sombras, entre as arvores, ao luar,

A torre de granito, o pesado quadrante,
E os dourados delfins de teu parque distante.

Em redor dos rosaes correm, cantando, as fontes,
Solitarios lampeões adormecem nas pontes.

Sob a nevoa de azues, que envolve todo o espaço,
A paisagem parece uma gravura de aço.

Tudo está quieto; no ar apenas estremece,
Com um longinquo rumor de lagrima ou de prece,

A pluma de um repuxo! E como a agua relumbra
No cofre de velludo espesso da penumbra!

E como a agua, a subir e a descer, levemente,
Lembra o teu coração gelado e indifferente!...

## III

VENS, no perfume do ar, como a tranquilla imagem
Que adestrado pincel, depois de lide insana,
Fixou neste jarrão de bronze e porcellana,
Entre ibis e dragões, num trecho de paisagem.

Na areia da alameda o luar quasi se apaga,
Num vôo de pavões dourados, de repente!
E entre a cinza lilaz, que desce, mansamente,
A hora faz-se mais triste e a penumbra mais vaga.

Ao rythmo do teu passo o silencio estremece,
Ás fontes velam mais as vozes socegadas,
E a avena dos zagaes, na curva das estradas,
Entre a folhagem calma e orvalhada, emmudece.

De que cidade estranha, onde as torres são de ouro,
As muralhas de ferro, e os rios de amethysta,
Trouxeste a forma ideal, que não modéla o artista,
E o mysterioso olhar de berylo e ambar louro?

Teu reflexo oscillante, é diverso e allucina!
Ora lembra um chorão sobre lagos immotos,
Ora uma flor de lis, ora uma flor de lotus,
Ora uma palma, a abrir, no azul de uma collina.

Ao calor do teu corpo, a noite é como o ambiente
De um triclinio, depois das taças emborcadas,
Quando, sobre o mosaico ha rosas desfolhadas,
E ha beijos pela sombra, e a sombra é um beijo ardente.

Dentro de teu olhar ha legendas distantes;
Faunos tocando frauta, á beira de lagôas,
Rondas e pastoraes, entre ægipans e leôas,
Bosques por onde vão, cambaleando, bacchantes...

Têm o aroma subtil, teus cabellos desnastros,
Dos cravos do Hindostão, e dos lirios do Egypto,
E a suave ondulação de um mar calmo e infinito,
Coalhado de trophéos, de galeras, e de astros.

E, emquanto vens assim, no ar tranquillo e dolente,
Cheio do teu calor, sonoro do teu passo,
Como um passaro real de prata viva e de aço,
A noite abre no céo as asas, lentamente...

## IV

PELO velho jardim, que a noite enche de bruma,
As flores vão dormir, na doce paz do outono.
Como a penumbra augmenta, em nós, esse abandono
Que ha nos tanques de opala, e nos jasmins de espuma.

Pousa sobre o meu hombro a tua ingenua face.
Vê como tudo é vão, como o silencio é nobre
Na sombra, após um beijo, ou no ar, depois de um dobre
Numa palpitação transitoria e fugace.

Longe, sobe um rumor, como de poço fundo.
Não lhe dês attenção, fecha tua alma lassa,
Apaga teu olhar, pois é a vida que passa,
É o desejo que vem, são os homens, é o mundo...

Pelo velho jardim, que a noite enche de bruma,
Pousa sobre o hombro a tua ingenua face.
Apaga teu olhar, deixa que a vida passe,
Que a vida é uma canção transitoria e fugace,
Um ligeiro tremor numa bolha de espuma...

## V

AO luar, os violoncellos, entre os choupos,
Cessaram de chorar. A noite é magua
Tombando, em folhas tremulas, dos topos,
Nos repuxos subindo, em plumas de agua.

E assim, as mãos nas minhas mãos, errando
Pelos rosaes da estrada, num scenario
De saudades, de sombras, e de magua,
Vamos o velho tempo recordando...

E os violoncellos choram novamente,
Ao luar, que banha o espaço solitario,
Emquanto as folhas tombam no ar dormente,
E o céo se estrélla de ouro e plumas de agua!

## VI

A lampada abre, no ar, como um lirio vermelho,
No ar, que se afasta mais, por melhor acolhel-a.
E o reflexo, que vibra ao fundo de um espelho,
Lembra, na agua de um tanque, a sombra de uma estrella

Entra pela janela um perfume indistincto;
E pallida, e subtil, de dentro da memoria,
Como vinho pagão em vaso de Corintho,
Exsurge, ainda uma vez, tua fórma illusoria!

Porque não vieste mais, na noite socegada,
Encher as leves mãos com o luar que fere e offusca,
E, de novo, sorver a aurea espuma gelada
De um cantaro romano, ou de uma taça etrusca?

Esqueceste a afflição das manhãs de promessa
E das tardes de horror, quando a alma é uma grilheta.
Ah! Tudo foi em vão, tudo passou depressa,
Como o sól no céo calmo, e a areia na ampulheta...

Ficaste, pela vida, esquecida e distante,
Como fica esquecido e distante o passado!
Foste a hora mais feliz que parou no quadrante,
O poente mais lilaz de um dia mais dourado...

Nos parques de velludo, onde as arvores bolem,
Sobe um leve rumor de repuxos e ramos.
Ha mais astros no azul, nas flores ha mais pollen!
Porque não vieste mais? Como nós nos amamos...

## VII

NO alto dos morros boia a lua de ouro,
O céo, visto de dentro de uma França,
Parece uma cratéra de faiança,
Cheia de vinho espumarento e louro.

Choram as fontes no jardim deserto.
A agua, entre os juncos, lembra uma gravura
Com arabescos subtis de illuminura,
E ha sombras vaporosas no ar incerto.

E tudo estava assim, quando partiste.
No céo distante, o mesmo vinho louro
As errantes estrellas embriagava,

E sôbre os morros, tremula, boiava,
Como uma grande rosa, leve e triste,
A mesma lua de ouro, indifferente...

# ELEGIAS

## I

TEU vulto leve, ao fundo do passado,
Volve-me, ás vezes, um olhar maguado,
Que lembra o luar, por entre nevoas finas.
Ainda tenho, no espelho das retinas,
O parque familiar, e os velhos bancos,
Entre tanques azues e jasmins brancos,
Onde a vida juntou, em dias vãos,
As tuas lindas mãos ás minhas mãos.

Onde estás, minha doce companheira?
Como a rosa, que tomba da roseìra,

A hora tomba no espaço, sem rumor...
Longe, murmura a trompa de um pastor,
Pela tarde que morre, lentamente.
E o poente, é como aquelle mesmo poente,
Que a terra toda encheu de um sonho triste,
Quando, sombra, entre sombras, me fugiste!

Ficaste numa curva do passado.
Como dóe recordar o tempo andado
Nas manhãs de illusão, nas noites calmas!
Uma lagrima a abrir dentro das almas,
Como um pallido sol num céo de outono,
Um gesto, um longo gesto de abandono,
Um desconsolo, um pouco de saudade,
E nisso está toda a felicidade...

Sobre os campos, em seu vestido louro,
A primavera ri nos botões de ouro;
Entre as ondas vermelhas das espigas
Voltam cantando, em bando, raparigas,
E, dentre a púrpura que envolve o ambiente,
Vai surgindo aos meus olhos, lentamente,
Como um rôlo de incenso, no ar lavado,
Teu vulto leve ao fundo do passado...

## II

PELA nevoa, a ondular, como um acorde lento,
Os pés brancos ao luar, e os cabellos ao vento,
Estendeste-me as mãos esguias e nervosas,
Numa ronda aromal de cravos e de rosas.

Que lampada flamenga o teu olhar desvenda?
És longa como um lirio aberto numa taça,
E, nas aguas de um lago, a tua forma lassa
Tem gumes de punhal e escumilhas de renda.

Serias Colombina? Ah! se eu fosse Pierrot,
No jardim silencioso, á margem dessa estrada,
Por onde vieste, a rir, e onde sonhando vou,
Dar-te-ia o coração no fim de uma ballada!

Ha theorbas a chorar nos bosques de jasmins,
Sobre as fontes, em torno, entre violetas, boia
O plenilunio, como uma pallida joia,
E move-se na sombra a cauda dos golfins...

Mas apenas beijei as tuas mãos nervosas,
Como um flamingo de ouro o teu vulto passou,
Numa ronda aromal de cravos e de rosas.
Se fosses Colombina, e se eu fosse Pierrot!...

## III

EM teu olhar, que guarda as florações estranhas
Que o verão incendeia, ou que adormece o outono
E ora mostra um tropel de mares e montanhas,
Ora um trecho de céo, com aves tontas de somno:
Quando fui procurar, num inquieto alvoroço,

A paisagem de sol, de aguas crespas, e ninhos,
Que um dia nos abriu as frondes, nas estradas,
Sómente pude ver, como ao fundo de um poço,
Jardins cheios de treva, entre arvores geladas,
E a noite, a noite immensa, em todos os caminhos...

## IV

### (PARAPHRASE DE SAMAIN)

NO deserto jardim, que a bruma envolve, pelas
Arvores, de onde tomba, em punhados de estrellas,
O adeus das flores de ouro e das folhas errantes;
Sob leve docel de copas verdejantes,
Nós iremos, até que a tarde abra no poente
As asas de cristal e de prata silente.

Caminharemos, entre as sebes, nas estradas;
E o perfume subtil que ha nas hervas pisadas,
E o silencio, e esse amargo encanto mysterioso
Que deixa, no ar, o outono inquieto e doloroso,
E que sáe dos chorões, dos ninhos e das fraguas,
Das kanangas azues e das tranquillas aguas,
Encherão nosso olhar de sonho e de esplendor,
Como um aroma antigo enche a noite de amor...

## V

NA paz do outono,
Grave, profunda,
Teu vulto de ave
Leve ligeira,
Sobre a alameda
Cheia de rosas,
Que o luar inunda,

(Sombra de seda,
Pluma ligeira)
Teu vulto suave
Sobre a alameda,
É uma roseira
Cheia de rosas,
Na paz do outono...

## VI

VÊ como a sombra é suave, e o céo como está perto!
Tens estrellas nas mãos, e o luar, no chão deserto
Entre flores de esmalte e de opala dolente,
Abre, agora, um jardim fabuloso do Oriente;
Um jardim onde houvesse, em maceeiras de prata,
Pomos de ouro e marfim, e onde, em leve cascata,
Sobre a relva macia e a areia flava e ardente,
Jorrassem jogos de agua inquieta e transparente.

Tudo adormece no ar: os ramos e as collinas,
Os passaros e os sóes. Anda nas hervas finas
Um perfume que hesita entre a vida e a chimera,
Leve como teu beijo e como a primavera!
Sobre a tua cabeça, uma arvore balança
As folhas de setim e velludo da França;
Pelas estradas passa um rumor de harpas eolias,
E ha noivados pagãos no seio das magnolias,
Risos de fonte, sons abafados de viola,
Soluços de guitarra insomne, de onde rola
Uma velha canção que, aos poucos, se mistura
Á tua voz, ao nosso amor, e a toda a Altura...

# ROMANCE E BALLADA

## ROMANCE

NA nevoa da manhã, tranquilla e suave,
Vieste do fundo incerto do passado;
Ainda tinhas o mesmo passo de ave,
E o mesmo olhar maguado...

Entre os rosaes vermelhos, tua boca
Era a rosa mais linda e mais vermelha;
E como, em torno della, inquieta e louca,
Ia e vinha uma abelha!

Mas não paraste, como antigamente,
Nem me estendeste a leve mão dolente,
A leve mão de irmã.

Passaste... E, pelos campos, que alegria!
Passaros, aguas, plantas, tudo ria
Na nevoa da manhã ..

## BALLADA

AMEI as torres medievaes,
De pedra escura e mutilada,
Os plenilunios e os choupaes;
Porém, ó Flor triste e fanada,
Desque surgiste em minha estrada,
Abandonei formas banaes.
Pois, junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada maîs.

Jardins dormindo entre rosaes,
Hora a tombar, fria e calada,
Beijos que são como punhaes,
Não têm a graça fina e alada,
Nem a volupia demorada
Que ao coração silente daes;
Pois, junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais.

Tudo que eu vi: Castellos reaes,
Galeras de prata armoriada
Arredondando-se nos caes;
Quilhas ferindo a onda encurvada,
Olhos chorando na amurada,
Tudo passou, venturas e ais,
Pois, junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais.

Perdoai Senhora, esta ballada,
E os versos tremulos, mortaes;
Pois, junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais...

# POEMAS DA NATUREZA

A Tristão da Cunha.

## ALLEGORIA DA MANHÃ

TERRA cheia de luz, para o teu esplendor
Ergo as mãos, num tremor de desejo e de gloria!
E, na paz de um jardim mysterioso e pagão,
Onde passeia o sol, como um velho pintor,
Numa ingenua canção, dou-te a minha memoria,
E num beijo aromal, dou-te o meu coração.

Coroada de jasmins, de pampanos e rosas,
Coberta de trigaes maduros, sobre os rios
A tua imagem real veste-se de cristaes;

E em teus braços, que são as estradas gloriosas,
Cantam fontes, rolando entre juncos esguios,
Estremecem bambús e verdes laranjaes.

. . .

Entre as latadas de uva, e as framboezas vermelhas,
Ha brilhos de rubis e reflexos de prata;
E, no tremulo véo velludoso das parras,
Um bando transparente e sonoro de abelhas,
Como um fio de mel, ondula e se desata
Sobre a folhagem de ouro, os cravos e as cigarras.

Entre as roldanas range a retezada corda.
Sobre os tanques de opala as arvores recurvas
Boiam, no espelho azul da agua fresca e parada.
Cortam passaros o ar; pelas granjas, accorda
O moinho, que volteia as longas asas curvas,
E em cada face, o olhar que esvoaça, é uma ballada!

Terra cheia de luz, nos pomares, o outono
Incendeia e arredonda a vinha hospitaleira,
As amphoras, que vão no hombro das raparigas,

Têm perfumes que dão volupia e que dão somno;
Nas bilhas, espumando, o leite morno cheira,
E a campina é um clarão de papoulas e espigas.

Na dourada manhã, sobre a paz infinita
Das collinas azues. e dos jardins pagãos,
Para o teu esplendor, terra nobre e bemdita,
Ao sol, que se levanta, ergo-te as minhas mãos!

## ALLEGORIA DA TARDE

SOBRE os leves rosaes e as finas trepadeiras
As nuvens levam seda e nacar para o poente.
Os parques vão sonhar,
Numa irisada poalha, entre aves e palmeiras;
E ha torres pelo céo, e flechas de onix ardente,
E galeras de bronze, arfando, em chammas, no ar.

Nas alamedas que o crepusculo adormece,
Um dolente torpor crispa os troncos, as ramas,
E as ágathas do chão;
E no longe, que foge, a distancia parece,

Dentro de um turbilhão de palmas e auriflamas,
Uma cascata de ouro, a rolar de um vulcão!

Lembra o occaso um clarão de estandartes divinos
A ondular sobre o sol, como ao fim da batalha
Ondulam plumas reaes,
Entre o nobre esplendor das taças e dos hymnos,
Das trompas, dos clarins, e da luz que se espalha
Sobre fulgurações de espelhos e cristaes.

Tudo salta para o ar num brazeiro glorioso!
Entre scintillações de incendios rubros, arde
A selva secular;
E, com a lava, que accende o espaço tumultuoso,
Crescem ondas de luz no silencio da tarde,
Como se a tarde fosse um grande e estranho mar!

Mas quando a sombra vem, lentamente, descendo
Com uma suave expressão de volupia e doçura,
De chimera e illusão,
Todo o passado vae, em ronda, apparecendo,
Emquanto o sol se esconde, entre nevoas, na altura,
E a tristeza do mundo enche o meu coração...

## ALLEGORIA DA NOITE

A NOITE é suave como um beijo sobre a face.
Nas frondes quietas ronda o luar, e o luar accende
Figuras de marfim, suspensas entre a bruma.
Pelo céo de cristal, luminosa e fugace,
Brilha uma estrella, e foge; e todo o espaço esplende,
Num tremulo clarão de alabastro e de espuma

A paisagem parece um aquario gelado.
As gramas são coraes sombrios, e as raizes
Lembra aranhas de ouro, a fugir na penumbra.
O casario, sobre as curvas de um montado,
Deita espectros no chão, e ha lagrimas felizes
Nos ramos, de onde o orvalho escorre, e me deslumbra.

Na doçura do ambiente a solidão é um poema
Que a alma diz, devagar, num leve choro de harpas;
E o silencio é uma voz que emmudeceu na sombra...
A lua abre, no azul, como a flor de um diadema,
E no céo de cristal, aprumando as escarpas,
Num tropel de alcantis o horizonte se escombra.

Noite, irmã da illusão, quanto sonho glorioso
Semeiam tuas mãos, onde ardem, num chuveiro,
Astros, constellações, nebulosas distantes,
E toda a flora ideal de um paiz maravilhoso!
Quanto desejo vão, inquieto e passageiro,
Tomba de tuas mãos, como a hora dos quadrantes...

Nas sombras do jardim, sobe um rumor de chuva
Da agua dos vasos, que um Tritão indifferente,
Na fonte senhorial, deixa rolar, num salto.
E os faunos, em redor da vinha aberta em uva,
Descerram, num clarão, os olhos, de repente,
E movem, quasi, a rir, os cornos de bazalto.

Pelo céo de cristal, luminosa e fugace,
Brilha uma estrella, e foge. O espaço claro esplende.
Nas frondes quietas, ronda o luar, que a terra accende.
A noite é suave como um beijo sobre a face...

## MANHÃ DE INVERNO

É TARDE, e o sol não vem; sobre as collinas
Volteiam rolos pardos de neblinas.
O orvalho escorre pelas folhas; tudo,
Nos ares e nas selvas, está mudo.
No beiral dos casebres, quando a quando,
Andam pombos, aos pares, esvoaçando;
E, ao dormente frescor dos laranjaes,
Tremem de frio, unidos, os pardaes.

Nos campos cheios de agua e de humidade
Erra um cheiro de lirios. Que saudade
Ha nas arvores quietas, nos relvados,
Nas serras, nos caminhos encharcados,
Nos mangues silenciosos, na espessura
Dos grotões, e nas massas de verdura.
Que saudade ha no gesto com que a mão
Aperta, desolada, o coração!

Mas, de repente, o céo todo estremece,
O horizonte se alarga, a terra cresce
Em grandes labaredas voluptuosas.
As aves cantam, desabrocham rosas...
Num mar de fogo ferve, toda acceza,
Em faixas de ouro fulvo a Natureza;
E a alma fica a sorrir, á flor do olhar,
Ao sol, que a abelha e os mundos move no ar!

## MAIO RIDENTE

AGORA, que as manhãs são mais leves e finas,
Que o céo é mais azul, e a agua mais transparente,
Estrangeiro! vem ver estas serras divinas,
De contornos de seda e pedraria ardente.

Vem a musica ouvir das aves e dos ninhos,
Das fontes de ouro, a rir, por entre verdes relvas,
Quando se alonga, sobre a areia dos caminhos,
A sombra irregular dos morros e das selvas.

Cada canto de terra, onde vão, rumorosas,
As abelhas de braza, é um jardim! Cada galho
Uma festa aromal de cravos e de rosas,
E em cada flor reluz uma joia de orvalho!

Róla, solta no espaço, uma tremula poeira
De luz suave e tranquilla, e ha no chão e na altura,
Na montanha pesada, e na folha rasteira,
Um gesto fraternal de graça e de doçura!

Estrangeiro! vem ver estas florestas densas,
Onde, pelos grotões e pelas crespas mattas,
Ha columnas de bronze e cupolas immensas,
E um continuo tropel sonoro de cascatas.

Estrangeiro! vem ver estas serras divinas
De contornos de seda e pedraria ardente,
Agora, que as manhãs são mais leves e finas,
Que o céo é mais azul e a agua mais transparente.

## CREPUSCULO

NO parque silencioso, as abelhas douradas,
Entre a folhagem calma, abrem as asas finas;
Sobem leves canções do fundo das estradas,
E uma indecisa luz veste, ao longe, as collinas.

Hora serena e irreal... Porque, quando entardece,
A alma inquieta tem mais saudade, e tem mais dor?
Porque o passado assim, na memoria, apparece,
E põe no labio triste um immenso amargor?...

Emquanto as formas vão morrendo pelo ambiente
Um perfume subtil e doce envolve o espaço;
A sombra desce no ar e, como á flor de um lago,
Entre a noite, ainda vaga, e o dia, ainda mais vago,
Desabrocham no céo, distante e transparente,
A lua de cristal, e os sóes de opala de aço...

## PRIMAVERA

ESCUTA! É a Primavera! anda nos ramos
Um divino esplendor de pedrarias.
Na agua tranquilla das ribeiras frias
Molham as plumas de ouro os gaturamos.

Que doçura ha no campo, onde as carretas
Passam lentas, pesadas! Que doçura
Derrama sobre a terra o azul da altura!
E como se alam no ar as borboletas!

Ouve: Sobem dos bosques vozes francas,
Risos de fonte, cantos de esperança.
Que serena alegria enche os espaços!
Dá-me a cesta de amoras, loura creança,
Levanta os senhoris, os lindos braços,
E, como a sombra de uma nympha, dansa,
Leve e subtil, por entre as rosas brancas...

## SERENIDADE

CHOVEU. A tarde desce; rota,
Uma palma pende, no poente.
Das folhas tomba, lentamente,
Um resto de agua, gota a gota.
O campo, ao longe, em fumos, brilha;
Sobe do fundo das estradas
Um perfume de hervas molhadas,
De canella, cravo e baunilha...

No ar transparente, as andorinhas
Voam, revoam; dentre as vinhas,
Tremem redondos cachos de uva;
Emquanto o sol, pallido e louro,
Vai misturando os raios de ouro
Aos pingos de prata da chuva...

## NOITE DE JUNHO NO CAMPO

Á beira d'agua, os caniços
Tremem, com brilhos mortiços;

Ha tons de prata gelada
Na areia branca da estrada.

Nos campos humidos anda
Um perfume de lavanda,

De folhas virgens e agrestes
E de magnolias silvestres.

Trilam os grilos nas relvas,
E os galhos rangem nas selvas...

No céo, desolado e algente,
Curvo, resplende o crescente;

E, sobre a agua, entre os caniços,
Em leves brilhos mortiços,

Na sombra azul, que estremece,
Um novo céo apparece...

## MANHÃ DE PEDRARIAS

O DIA acorda, vem! Por todo o espaço
O sol scintilla, em pontas de ouro e de aço;

Ha rumores sonoros entre as rosas,
E na copa das arvores frondosas,

As aguas correm, crespas, em cascata,
Num tremor de esmeraldas e de prata;

Nas espigas douradas e vermelhas,
Em cachos vivos, zumbem as abelhas;

Pelos troncos escorrem, purpurinas,
Como quentes granadas, as rezinas;

Que volupia de cores, que doçura
Ha nos campos cobertos de verdura!

Nas collinas, nas relvas, no ar incerto,
Tudo fulgura, como um cofre aberto;

Nos rios rolam perolas dormentes,
E ha nas pedras carbunculos ardentes;

A poeira tem irisações estranhas,
E é de safira o flanco das montanhas!

Vê como teu cabello se mistura
Á morna irradiação que vem da altura;

Vê como tua boca se parece
Ás polpudas romãs que o sol aquece!

Banha-te nesta luz! Bebe este vinho
Que ferve sobre a areia do caminho;

Que espumeja na taça das corollas,
E no louro fulgor das carambolas;

Que dardeja nas varzeas enfloradas,
E na tapeçaria das estradas;

Que vibra na palheta das parreiras,
E no incendio aromal das laranjeiras.

Bebe este vinho nobre! Que vertigem
De alegria encherá tua alma virgem!

Vê como esta alegria o sêr te irmana
Á belleza divina mais que á humana!

Vê como a vida é boa, assim vivida,
Assim amada! Como é boa a vida!...

## TARDE DE CHUVA

SOBRE os jardins, fina, insistente,
A chuva cáe, tranquillamente.

Porque uma voz antiga, chora
Dentro de mim, occulta agora?...

Das folhas tomba, lentamente,
A agua da chuva transparente.

Á hora em que os sêres adormecem,
Porque meus olhos se entristecem?

No escuro céo, tremulamente,
A sombra estende a asa silente.

Que solidão nos ares erra!
Que solidão em toda a terra!

Sobe, e se espalha, suavemente,
Um cheiro de hervas pelo ambiente.

Porque, lá fóra, tanta calma,
E tanta magua na minha alma?...

Sobre os jardins, fina, insistente
A chuva cáe tranquillamente...

## MINUETO

QUE musica subtil, melancolica e fina
Paira no ar de cristal? Nas folhagens, relumbra
O luar de opala, o luar que é um sonho na penumbra,
De onde sobe uma voz de agua mansa e argentina.

A hora tranquilla envolve em sombra a terra calma,
Rola no espaço um véo dubio de cerração...
Mas que espanto divino enche o meu coração!
Que vagos turbilhões de almas ha na minh'alma?

Chora entre as moitas uma voz de agua, em surdina.
Tudo relumbra ao luar, o luar é quasi irreal...
E que musica doce, estranha, antiga e fina
Paira no ar de cristal?

## SILENCIO

NINGUEM... A noite dorme, silenciosa.
Pela encosta dos morros sobe a lua.
Que exquisita saudade se insinua
Na noite silenciosa!

As arvores, nos ermos, estão quietas;
E, ao luar, que inunda as calmas alamedas,
Ha um brilho de vidrilhos e de sedas
Entre as arvores quietas.

Que mão subtil, nas relvas orvalhadas,
Derramou tanta joia e pedraria?
Parece até que vai nascer o dia
Nas relvas orvalhadas!

Rola um perfume de jasmins no ambiente;
E, entre a sombra que envolve toda a altura,
Um repuxo finissimo murmura
No desolado ambiente...

# NA DOÇURA DA TARDE

A Claudio Ganns.

NO céo purpureo, ferve a luz do poente,
Como a cratera acceza de um vulcão;
E os astros vão abrindo, suavemente,
A sua floração.

Quando a penumbra desce pelo ambiente,
Porque fica mais velho o coração?
Porque o silencio é muito mais dolente,
Porque tudo é mais vão?...

Quando a tarde adormece a natureza,
Porque a sombra insinua essa tristeza
Dentro do nosso olhar?

Porque a memoria vai, de quando em quando,
Todo o passado, aos poucos, desfolhando,
Como uma rosa no ar?....

# POEMAS DA VIDA

A Mario Simonsen.

## DEANTE DA VIDA

ENTRE ondas voluptuosas de verdura
A floresta levanta os braços fortes,
Braços que estão, vergados, rebentando
Em flores vivas, em plumagens fartas,
E em frutos saborosos, que são como
Os pensamentos amadurecidos
Que sobem da humildade das raizes
Para o esplendor das frondes constelladas!

Tudo se move num rumor confuso:
Folhas e caules, sebes, trepadeiras;
Rios que o sol escalda, e onde fulguram,
Entre rubros clarões de labaredas,
Joias, punhaes de fogo e espadas de aço;
Campos, que o vento agita, e a luz transforma
Em mares empolados, onde rolam
Vagalhões de esmeraldas e safiras.

Tudo se move! até das penhas rudes
A rocha millenar estála, e tomba!
A Terra tem palpitações profundas,
E tanto o largo seio empina e abaixa,
E tanto se revolve, que parece
Não supportar o peso das montanhas,
Dos serros brutos, dos pedrouços duros,
Que lhe apertam de mais o agreste flanço.

Num brilho de metaes em braza, fervem
Os atalhos de ardente areia acceza,
O curvo espaço, a cupola das arvores,
A agua das fontes, recamada de ouro;

E, como em copas, onde o vinho espuma,
Nas corollas abertas se embebedam
As lustrosas abelhas de velludo,
E os pelludos besouros rumorosos.

Cada tronco de bronze é uma columna,
E cada umbella um capitel luxuoso;
E ha nas pedras estatuas modeladas
Por mãos desconhecidas, mysteriosas;
Mãos, que arrancam da magua e da alegria,
Do terror, da tristeza e da amargura
Que a lagrima das coisas vai deixando,
As mascaras eternas da Belleza.

## II

DENTRO desse tumulto luminoso
O Poeta, um dia, despertou. «Caminha!»
Alguem lhe segredou; «caminha», os olhos,
Tontos de amor, lhe dizem deslumbrados.
«Vai em busca da vida que te chama!»
E elle, vendo no olhar, e na alma vendo
Um sonho novo de felicidade,
Abrio as mãos ansiosas para a vida!

O crepusculo pallido descera
Com o silencio e a penumbra sobre a terra,
Numa poeira de formas indecisas
Todas as formas no ar se confundiam.
A selva, agora, em sombra mergulhada,
Com a folhagem serena adormecida,
Tinha o tranquillo aspecto das madréporas
E dos coraes, nas landes submarinas

Dos encruzados ramos caprichosos
O orvalho em claras gotas escorria;
E, ao tibio luar nascente, as folhas calmas,
Eram conchas finissimas suspensas;
O musgo era um tapete de algas humidas,
E os luzentes arroios imitavam
Peixes de fria escama scintillante,
Nadando num tremor de espumas leves.

Tacteante, embora, o Poeta caminhava
Ebrio das maravilhas que seus olhos
Iam na noite immensa descobrindo,
Quando uma voz de estranha resonancia,

Ferindo os fundos boqueirões remotos,
Varando a repousada somnolencia,
E a espessura dos bosques silenciosos;
De subito accordou o espaço mudo!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Que voz, ao mesmo tempo, doce e horrivel
Assim o allucinava e o seduzia?
Que tentaculos frios, movediços,
Vinham prendel-o, assim? Que inviso polvo
Seus hesitantes passos arrastava?
E, implacavel, teimosa, tentadora,
Dentro da noite solitaria e immensa,
A voz lhe segredou: «Caminha, é a vida!»

«Caminha, que verás um céo mais alto,
«Recoberto de estrellas palpitantes;
«Caminha, e beberás a agua mais pura
«Que poderá provar a tua boca!
«Entrarás em jardins nunca sonhados,
«Onde receberá teu labio virgem,
«Num chuveiro de petalas macias,
«Um baptismo de beijos deliciosos».

«Foge das tuas furnas desoladas,
«Ó Passaro nocturno da floresta!
«Vai para a vida, que te espera, soffrega!»
E elle, seguindo a voz, que abria como
Um caminho sonoro pelos ares,
E que, de instante a instante, mais crescia,
A uma região de agudas cordilheiras,
Lento, levou os fatigados passos.

## III

POR todo o ambiente, em véos de opala, ondeante,
Um nevoeiro subtil se derramava.
O contorno das cousas era feito
De bruma e de cristal; e a luz que, trémula,
Baixava na atmosphera vaporosa,
Entre florões de floculos prateados,
Misturava, no seu mortiço fluido,
Ao tom do marfim velho, a cor das perolas.

Mal os olhos do Poeta se afizeram
Á nevoa circumstante, um arrepio
Correu-lhe a face, e perturbou-lhe a vista!
Estava em frente delle um alto monte
De refranjada escarpa multiforme,
Recortado de dentes e de agulhas,
Por onde uma caudal vertiginosa
Com raivoso fragor se despenhava.

Fervendo sobre os blocos de granito,
Martellando nas rocas recurvadas,
Rugindo na aspereza dos penhascos,
A torrente saltava, em crespos jorros!
De cada aresta lisa e penetrante
Repontava uma lamina desnuda,
E em cada pedregulho rebatido
Um clamor de bigornas se escutava.

Logo, o Poeta parou. Não era de agua
A torrente que os ecos abalava;
E a voz que em seus ouvidos rebramia
Eram gritos de angustia e desespero,

Queixas, supplicas, ais, gemidos longos,
Brados convulsos de odio e de tortura,
Uivos de maldição, ululos cavos
De quem sentisse rotas as entranhas!

Era a vida, que, em turbilhões, rolava
Num continuo tropel de ossos partidos
E laceradas carnes esmagadas;
Eram corpos que, em vão, se debatiam,
Eram bocas que, em vão, se procuravam,
Era toda a afflição que os mundos move,
Era todo o infinito da amargura
Apenas revelado num segundo!

Não era de agua, mas de sangue escuro
A torrente que os ecos sacudia;
Sangue de corações que rebentavam,
Sangue de mil batalhas inclementes!
E o monte infindo, que se desdobrava
Pelo infindo horizonte sem limites,
Era como o Destino, mudo e immovel,
Dentro da vida inquieta e passageira.

Emquanto o Poeta, insomne, contemplava
Tanta miseria, a alma lhe disse: «Foge!»
«Na tua agreste furna ha mais doçura
«Que no mais lindo e cristallino cóllo,
«O silencio da selva é mais humano
«Que a voz dá dolorosa vida humana.
«Na asa das borboletas e nos brutos
«Ha mais sabedoria que nos homens».

«Vai para os teus abysmos, onde a noite
«Tem mais encanto e mais deslumbramentos,
«E onde a tua cabeça resplandece,
«No pincaro das serras solitarias!
«Deixa a vida bater de encontro a vida
«Como as ondas se voltam contra as ondas.
«Homem-divino, Poeta! Torna á selva,
«Torna á Belleza eterna e silenciosa...»

# A UM ADOLESCENTE

I

FAZE do instante que passa
Toda a tua aspiração;
Que o mundo cheio de graça
Caberá na tua mão!

Sê sobrio: com um copo de agua,
Um fruto, e um pouco de pão,
Nem sombra de leve magua
Cortará teu coração...

Ama a rude terra virgem,
Com todo o teu rude amor;
Pois colherás, na vertigem
De cada sonho, uma flor.

Soffre em silencio, sozinho,
Porque os soffrimentos são
O mais saboroso vinho
Para a sombra e a solidão...

E quando, um dia, o cansaço
Descer ao teu coração,
Une á terra o peito lasso,
E morre beijando o chão;

Morre assim como indeciso
Fumo, que nos ares vai,
Morre, num breve sorriso,
Como uma folha que cai...

II

AMEI a vida, primeiro,
Pelos olhos, e o que vi
Era suave e passageiro:
Amei a vida, e sorri.

Amei-a, com a alma, em seguida,
Mas, onde os passos levei,
Commigo chorou a vida,
E, com ella, triste, chorei...

III

NÃO desejes: é amargo desejares.
Guarda o que tens, fechado em tua mão,
Pois, só ha desenganos e pesares
Na sombra triste deste mundo vão...

A alma que arrastas, andes onde andares,
Terá mais sol, terá mais illusão,
Se fores sempre assim, se não tentares
Accrescentar um pouco ao teu quinhão.

Vive no teu jardim de frondes mansas,
Sem ambições nem cóleras pueris:
Quem tem desejos, tem desesperanças,
Quem não deseja é muito mais feliz...

## IV

## DE UM POETA RUSSO

UM vôo de ibis corta o céo de ouro e marfim.
Pelo céo de marfim arde a braza do poente;
Doçura irreal da luz nos lagos do jardim,
Doçura do jardim sobre a agua transparente!

A tarde desce, lenta, e a sombra augmenta no ar.
Ah! quando a sombra vem, minha alma tonta esvoaça;
E, pela hora mortal, meus olhos vão chorar
A belleza que foge, e o momento que passa...

## V

GESTICULAS em vão! Para que te cansares?
A vida passará por tuas mãos ansiosas
Como uma abelha num jardim cheio de rosas,
Como a estrella no céo, como a espuma nos mares.

Tua alma é uma grilheta, uma estranha prisão
Que augmenta, sem cessar. Mas, se um dia a quebrares,
Comprehenderás, então, ralado de pesares,

O amargor que ha no fim de todas as estradas,
E o gesto de pavor das mãos acorrentadas
Que tentaram tocar, uma vez, a illusão...

## VI

VIVE depressa! A vida passa...
Ah! teu desejo inquieto e louco
Dura tão pouco
Como à fumaça!

Rosa que tomba da roseira,
Hora que foge num momento,
Teu pensamento
Esvai-se em poeira...

— Poeira impalpavel que anda á tôa,
Perfume que, pelo ar, se evola,
Fruto que rola,
Folha que vôa...

Vamos, esgota logo a taça!
Não te demores no caminho.
Bebe o teu vinho,
Que a vida passa...

Onda dormente, leve, lassa,
Que vai e vem com o proprio vento,
Teu pensamento
Inquieto e louco,
Dura tão pouco
Como a fumaça...

## VII

OS dias passam num segundo,
Os annos voam num momento...
Homem, que fazes neste mundo,
Que faz teu leve pensamento?

Ao teu olhar, a terra acceza
É como um riso aberto em flor!
O riso é a luz da natureza!
Que fazes tu com a tua dor?

Porque tua alma é sempre fria,
E o passo teu vago e indeciso?
A gloria nasce da alegria,
Os deuses morrem num sorriso...

Riem-se as pedras, quando a aurora,
Inunda o céo de ouro e de anil;
Ri-se no espaço a ave canora,
No lodo ascoso o sapo vil!

Porque só tu, por esse mundo,
Trazes dorido o pensamento?
Olha que és sonho de um segundo,
Olha que és sombra de um momento...

## DESTINO

AINDA menino, disse-me, um dia,
A voz occulta do coração:
«Terás da terra toda a alegria
Na tua mão».

Ah! duro engano, quem o diria!
Louco de espanto, de inquietação,
Só vi tortura, melancolia,
No mundo vão...

Ouve, creatura de alma innocente,
Ouve, e medita, porque não mente
Quem isto diz:

Na vida, cheia de falsidade,
Só quem deseja a felicidade
Não é feliz...

## ONDA

Á PORTA das cavernas, silenciosos,
Sobre os joelhos pousando os pulsos de aço,
Os homens olham, mudos, para o espaço,
Onde os astros afloram, vagarosos...

Tudo é gloria e esplendor! um sonho intenso,
Um sonho primitivo, ainda selvagem,
Envolve os ramos fartos da paisagem,
Tremula no horizonte calmo e immenso.

Na solidão dos prados e das matas
Rebôa, num tropel, e atrôa os ares,
Batendo nos penhascos seculares,
A vóz rouca e ululante das cascatas.

E os homens ficam pallidos, olhando,
Na curva onde o céo foge e desfalece,
O claro dia que desapparece,
E a noite que, entre sombras, vem chegando...

## II

AS cúpulas de prata e de ouro virgem
Chispam, á luz do sol, como geleiras,
Os mares fervem, tombam cordilheiras,
E a terra toda é uma onda de vertigem!

Da pedra sobe o templo, o ferro forte
Vibra na espada, canta no broquel;
E do bronze, e do marmore revel
Os deuses nascem para o amor e a morte.

E a vida vae passando, e vão as dores
Apparecendo, lentamente, emquanto
A alma vacilla e cáe, de pranto em pranto,
Sob o aguilhão de eternos dissabores.

Em luminosa nevoa anseia a vista,
As mãos tacteiam sobre rochas duras;
E as torturas augmentam as torturas,
E após uma conquista, outra conquista!

## III

E OS homens lutam sempre; indifferente,
A hora que passa não lhes traz doçura.
Depois do abysmo fundo, a ingreme altura!
É preciso vencer continuamente...

As idéas renovam-se com as chagas;
E a cada golpe rude, de repente,
Succede-se um mais largo, e mais dolente,
Como a vaga succede ás outras vagas.

Uma sêde indomavel os arrasta.
Dentro de um turbilhão de odios e sanhas,
Varando oceanos, selvas e montanhas,
Os homens seguem na amplitude vasta!

E as cidades alastram-se, e as florestas
De altos troncos, folhudos e pesados,
Rolam, no embate bruto dos machados,
Ao impulso das mãos rudes e lestas.

Entre muralhas rijas de castellos
Choram as fontes, os arroios gemem;
Emquanto os ares abalados, tremem
Num barulho sonoro de martellos.

Das forjas saltam labaredas vivas,
O fogo, pela sombra, em linguas, pula,
E ruge, na bigorna que estridula,
A cólera das forças primitivas!

## IV

MAS não basta! É mister lutar ainda.
Surgem dos elementos dominados
Outros mais raros, mais ambicionados,
Numa constante progressão infinda.

Os homens querem ver, na lide insana,
Maior, a alma pequena e desprezivel;
E, sonhando a distancia inattingivel,
Esquecer na divina a essencia humana.

E a vida corre, cega; e o tempo avança.
Em vão! tudo lhes foge como dantes,
Nessa guerra de todos os instantes,
Feita de desespero e de esperança!

## V

E UM dia, tudo cessa: angustias, aïs,
Risos de amor, rugidos de metralha.
E, onde antes houve gritos de batalha,
Ha sómente silencio, e nada mais...

Dos céos a treva desce, lentamente;
E o sol, o louro sol, de outras idades,
Morre sobre destroços de cidades
Como um vulcão cheio de cinza ardente

Entre estatuas de deuses, e entre a ruina
De basilicas, templos e mesquitas,
Róla o mundo nas brumas infinitas,
Para a fatalidade que o fascina!

Pelos mares gelados, apodrecem
Restos de barcos rotos; nas collinas
Corôam-se os pinheiros de neblinas,
E os longes fumegantes escurecem.

## VI

SOB a neve subtil, fina, insistente,
Nem uma vóz nos ares se desata,
Nem um rumor longinquo de cascata
Perturba a estranha solidão do ambiente.

Tudo é magua, em redor! Um sonho intenso,
Um sonho doloroso, e já selvagem,
Cobre os galhos despidos da paisagem,
Tremúla no horizonte escuro e immenso.

E á porta das cavernas, silenciosos,
Sobre os joelhos pousando os pulsos lassos,
Os homens olham, mudos, os espaços,
De onde os astros se afastam, vagarosos...

## A ESTRADA SEM FIM

DENTRE uma leve espuma, em rondas suaves,
A madrugada rompe. Um canto de ansia
Sobe da selva funda e socegada,
E agita as frondes, no ar sonoro de aves.

O homem levanta as mãos para a distancia
Que surge, lentamente, em sua estrada;
E o passo audaz, sereno, a alma confiante
Sobre pedras e espinhos caminhando,
O tempo que floresce no quadrante
Vai, solitario e alegre, desfolhando...

Ao sol do meio dia, quando o espaço
Toma os contornos de um castello mouro,
E o céo em chammas, lembra um rio de aço
Entre escarpas de braza e vulcões de ouro,
O homem pára, abre os olhos, e medita
Na solidão das landes, infinita!

Depois, a tarde cobre todo o ambiente
Com as imagens somnambulas, estranhas,
De uma renda de cinza transparente;
E, emquanto, pouco e pouco, tremulando,
Num chuveiro de sóes, a noite desce,
O homem, erguendo as mãos inutilmente
Á distancia, que vai sempre augmentando,
Entre abysmos, torrentes e montanhas,
Pela estrada sem fim desapparece...»

# ENTRE OS CHOUPOS DA ESTRADA

(EPITAPHIO)

A Alvaro Moreyra.

ENTRE os faunos, que são ingenuos, junto á fonte,
Que a voz calava no ar, sómente por ouvil-o,
A harpa suave nas mãos, a corôa na fronte,
Elle riu e cantou no azul do céo tranquillo!
Pára um pouco, Viajor. Ergue da pedra fria
Os teus olhos, e vê: Tudo o que, em roda, existe,
Já passou, já voltou, riso ou melancolia...
Quem foi alegre, um dia, um dia ha de ser triste!
Mas antes de, outra vez, seguires para a vida,
Em frente aos bosques, onde ha frautas mysteriosas,
Na penumbra, que envolve a terra adormecida,
Recorda como é vão o teu destino breve,
Como passam no mundo os passaros e as rosas,
Como a sombra do poeta, entre os homens, é leve...

# SONETOS

Manda-me amor que cante docemente.

CAMÕES. Canção VII.

A JORGE JOBIM.

## I

### *VELHAS IMAGENS*

MULHER! bolha de espuma, incenso leve
Que rola no ar, arroio que deslisa;
Folha de outono, cinza errante, brisa,
Rosa fresca de um dia, sonho breve!

Forma subtil que a penna não descreve,
Sombra das sombras, tremula, imprecisa;
Luar, que as pedras brutas idealiza,
Plúmula ondeante, flóculo de neve...

Mulher! Quantos, atraz do teu engano,
Perderam, com a esperança, as almas quietas.
Então mudadas em raivoso oceano!

Mulher! Vento em canção, nuvem que passa...
Tão serena e constante, como os poetas,
As miragens, as ondas, e a fumaça...

## II

FORTUNA, por meu mal, me tem mudado
Todo o prazer da vida em dissabor;
Pois, onde ponho meu maior cuidado,
Logo ella põe tristezas e amargor.

Porque será que, em danos, o meu Fado
Vem convertendo sempre? Acaso, Amor
Só traz doçura, quando desolado,
Só tem perfume, quando tem travor?

Mas quem será que um brando e leve crime
Me fez pagar com penas dolorosas?
Será Fortuna, mesmo, que me opprime

A alma cheia de errores, ou serão
Essas ondas geladas, caprichosas,
Que andam boiando em vosso coração?

## III

### *A UMA SENHORA INDIFFERENTE*

MUDA-SE o claro dia em noite escura,
A nevoa em luz subtil, que resplandece,
E os campos doura, as sebes reverdece,
E enche de azul sereno a immensa altura;

Muda-se em fina poeira a pedra dura,
O botão em corola, a fulva messe
Em trigo, a flor em fruto que apètece,
E a tristeza das horas, em ventura.

Muda-se o doce arroio em onda amarga,
O vento em calmarias, a esperança,
De enganos leves, em pesada carga.

Sómente vós, por quem vivi penando,
Entre as cousas que sempre estão mudando,
Não conhecestes sombra de mudança!

## IV

JUNTO das aguas frescas, suspirosas,
De manso arroio, o louro Almeno inclina
A fronte, em febre, entre festões de rosas,
Que um raio de ouro, lepido, illumina.

Inclina a fronte, e pensa nas cheirosas
Manhãs de prata e espuma langue e fina,
Quando vinha das selvas mysteriosas
A musica das frautas, cristallina.

Tudo revê, saudoso; mas apenas
Os olhos põe na fugitiva Nympha
Que as horas lhe amargara tão serenas:

Logo um nevoeiro os ares escurece,
Logo se cala a suspirosa lympha,
E o claro sol do céo desapparece...

## V

ONDE puzerdes vosso Amor,
Logo achareis magua e tortura:
A vida é feita de doçura
E, ao mesmo tempo, de amargor.

Andam, assim, prazer e dor
No mundo vão, tão de mistura,
Que separal-os é loucura,
Sobre loucura, dissabor.

Mas é costume, infelizmente,
Costume máo, de toda gente,
Querer ventura sem travor.

Tomai, pois, tento, que, em verdade,
Não vereis só felicidade
Onde puzerdes vosso Amor.

## VI

QUEM teve á mão o fruto cobiçado,
Quem alcançou, bastando desejar,
No labio triste o beijo demorado,
Na alma, o sonho feliz, o sol no olhar;

Quem abysmos transpoz, como um Cruzado,
Entre incendios de luz, num rebrilhar
De aços polidos e ouro derramado,
Brandindo a espada chamejante no ar;

É quem, dolente, e em reverencia, agora,
Todo se curva, pallido, Senhora,
A fronte, e a gorra de velludo ao chão!

É quem, sob a invencivel armadura,
Deante de tão serena formosura,
Sente tremer de medo o coração!

## VII

### *DEPOIS DE LER A «VITA NUOVA»*

É s tão leve e gentil, ó minha Dama,
Que, pelas ruas, quando os mais saudas,
Ficam as bocas, de repente, mudas,
E os olhos ardem, numa inquieta chama.

Teu melindroso gesto assim derrama
Tanta doçura sobre as cousas rudas,
Que, em milagre do céo a terra mudas,
Tu, milagre maior, que a terra acclama!

Tontos da tua luz, sonham, unidos,
Entre supplicas, ais, gritos, gemidos,
Os corações que Amor está movendo.

E em torno ao labio teu, como alta lira
Que dedos invisiveis vão tanjendo,
Um mundo de almas tremulas suspira.

## VIII

EMQUANTO a Primavera vai deixando
Os fios de ouro na corola aberta,
A esmeralda nas folhas, e, no ar brando,
Aquella doce luz, palida e incerta;

Emquanto os roseiraes se enfloram, quando
O jasmineiro, em cachos, descoberta
Mostra a flor de marfim, e, ao vento, ondeando,
Toda a selva, em clarões, freme e desperta;

Emquanto o sol dardeja e o azul deslumbra,
Meus olhos andam cheios de penumbra,
E uma pedra me aperta o coração!

É que, por tudo, sinto, num queixume,
A enganosa illusão do teu perfume,
A tua voz, e o teu contorno vão.

## IX

LONGE do teu olhar, a terra é escura,
A flor não viça, as aguas são pedrentas;
As horas, de saudosas, são mais lentas,
E amarga mais nas almas a amargura.

Longe do teu olhar, toda a doçura
Dos campos foge, em brumas fumarentas,
E a ventura da vida, que alimentas,
Pouco e pouco se volve em desventura.

Ora, se a Natureza assim castigas,
E se as cousas amigas e inimigas,
Mergulha tua ausencia em prantos e ais;

Que poderei dizer, então, da minha,
Da minha natureza tão mesquinha
Que teu olhar não illumina mais!

# FIGURAS DE CINZA E DE OURO

A Alceu Amoroso Lima.

## PASTORAL

O CARRO das vindimas, lentamente,
Com as rodas de ouro e bronze bate o solo;
Nos morros arde a purpura do poente,
Na sombra espiam nymphas de alvo collo.

Em derredor, faz ronda, a rude gente
De rijos cornos, frauta a tiracollo,
Satyros, faunos; e, num bando, á frente,
Ménades brutas uivam contra Apollo!

Dos pampanos virentes rompem bagos,
Nas amphoras o mosto flavo oscilla,
Em reflexos metallicos e vagos.

O ar embebeda as fontes, no caminho,
E, pela tarde tepida e tranquilla,
As aguas, tontas, sonham que são vinho...

## PEAN

ERGUE para o céo calmo as leves mãos serenas.
Pede a gloria que embriaga, e a victoria que offusca
Antes que a frota real das galeras hellenas
Rompa, num turbilhão, as curvas da onda brusca!

Ferve, no mar de opala, a espuma das carenas;
E, das terras ideaes, que teu desejo busca,
Vem, no aroma subtil dos cravos e açucenas,
A graça pastoril de uma canção etrusca.

Desenham-se no azul, que a luz accende e escalda,
As serras de cristal. e os campos de esmeralda,
Que teus guerreiros vão, sequiosos, conquistar!

Levanta ao sol dourado as leves mãos radiosas,
E, como quem desfolha um punhado de rosas,
Desamarra, em festões, as bandeiras pelo ar!

## MEDALHÃO

NO terraço esculpido, entre alvos alabastros,
Triste, adormeces junto ás amphoras esguias;
A cabeça inclinada, os cabellos desnastros,
Onde estão refulgindo o ambar e as pedrarias.

A agua, de encontro ao cáes, rola, num cofre de astros,
E, ao fundo, entre clarões, ferindo as ondas frias,
Passam triremes com grinaldas pelos mastros,
Carregadas de sal, de vinho e especiarias.

Como um jardim, os teus contornos, lentamente,
Vão florindo, na sombra, em tons de suave louro,
Com um perfume que lembra as magnolias, ao luar;

E nos longes, que a noite enche de cinza ardente,
Entre palmas, trophéos, flammas e espumas de ouro,
Na trompa dos tritões, soluça o velho mar...

## FESTIM PAGÃO

NUMA ronda de luz, dentro dos bosques mudos,
Ao sonoro bater dos tambores retezos,
Entre taças de bronze, e encurvados escudos,
Correm faunos febris, de olhos fundos, accezos.

Toda a selva estremece, e, nos relvados rudos,
Ha gritos, maldições, promessas e desprezos;
Emquanto, mollemente, os satyros cornudos
Dansam, na grama fôfa, em pelles finas presos.

A tarde desce, longe. Em tropel, as bacchantes,
Ao som das tubas de ouro e das frautas de cana,
Passam, as mãos nas mãos, tremulas, cambaleantes.

E quando a lua vem, de subito, os compassos
Emmudecem no espaço, e a sombra se engalana
De grinaldas de sóes, de beijos e de abraços!

## BAIXO-RELEVO

SOBRE os altos cyprestes, rubra e ardente,
Uma tarde triumphal desce, e agoniza;
E Fauno, as mãos pelludas, de repente,
Abre para uma náyade imprecisa.

Embora o olhar o engane, Fauno sente
Uma boca a beijar-lhe a alma indecisa,
E, tonto, estende os braços para a frente,
Como se visse espadua nua e lisa.

No crepusculo triste, uvas e rosas
Tombam feridas de melancolia,
Dentro do bosque, em rondas silenciosas.

E Fauno, ainda uma vez, abre as mãos lassas,
Emquanto a sombra apaga, suave e fria,
Uvas e rosas, pampanos e taças.

## VINHO AMARGO

A côroa de louros sobre a fronte,
Erguendo ás mãos a taça, e a palma de ouro,
O poeta vê, na curva do horizonte,
Franjas de céo, pedras de ancoradouro.

Brilham no mar sereno as naus, e a ponte
Que rasga as ondas como um brigue louro.
E tudo boia em sol, aguas de fonte,
Tanques de prata, ou leões de pateo mouro.

De subito, porém, pallida e nua,
A vida enche-lhe a taça de berylo,
E elle mergulha os labios, e recúa!

Pois, no vinho que a vida lhe offerece,
Como num fundo olhar, negro e tranquillo,
Todo o pavor da morte lhe apparece!

## CHUVA DE ASTROS

O CÉO tranquillo é uma ampnora redonda,
Cheia de prata e de ouro, a transbordar;
E, nos jardins, ao longe, em lenta ronda,
Os pavões abrem leques para o luar.

Emquanto a bruma desce, de onda em onda,
Sobre as frondes da selva secular,
O vento vai fazendo a estranha monda
Das roseiras que se desfolham no ar.

Nos lagos de esmeralda um canto ardente
Tremúla, e sobe, num rumor de liras,
Por entre jorros de agua transparente;

E, pelo espaço immenso, que relumbra,
Em turbilhões de opalas e safiras,
Estremecem as asas da penumbra!

## FESTA VENEZIANA

SOBRE as aguas de purpura abre o poente
Faixas fulvas de luz, franjas esguias
E ondulantes de prata viva e ardente,
Num claro rebrilhar de pedrarias.

Em cada planta aquatica, dormente,
Que distende as raizes erradias,
Refulge um raio de ouro, levemente.
A tarde cae do alto das torres frias.

Num florão de grinaldas caprichosas
De violetas, crysantemos e rosas,
As gondolas baloiçam no canal.

O sol desapparece... Ha um riso de ansia!...
Emquanto vai subindo, na distancia,
Num céo de espuma, a lua de cristal...

## SOMBRAS QUE VOLTAM

DENTRO do nosso olhar, ás vezes, nasce,
Como na agua de lago transparente
Uma indistincta floração fugace,
Todo o passado, em ronda, suavemente.

E o juramento que se fez, e a face
Que se beijou, chorando, docemente,
E volta, pallida, (e antes não voltasse!)
Tudo se ergue na sombra, de repente.

E são verões, outonos, primaveras,
Mares, coalhados de astros e galeras,
Tardes de prata, auroras de cristal;

E cidades, que, longe, vão surgindo,
Á beira azul de um golpho calmo e lindo,
Entre grinaldas de ambar e coral!

## VESPERAL

A HORA veste de cinza toda a altura,
Cinza que os astros vão manchando de ouro;
E o céo é como a boca de um thesouro,
Onde ha brilhos ferindo a nevoa escura.

Na solidão, que augmenta ainda a espessura
Dos bosques, como num castello mouro,
Modulam frautas e arrabis, em côro,
Velhos rimances de odio e de doçura.

Subito, as vozes calam-se, na sombra.
Uma figura pallida se escombra
Por traz dos ramos, sob a luz do luar;

E, na amargura que adormenta o espaço,
Meu coração, como um violino lasso,
Parte as cordas de tanto soluçar...

## POMONA

DENTRE um perfume, que entontece,
De loura manga e de maçã,
Teu leve corpo me apparece
Na claridade da manhã.

Tal uma joia, resplandece,
Nas verdes ramas, a romã;
E, pela relva, humilde, cresce
A crespa folha da hortelã.

Por onde vai teu pé ligeiro,
Atraz do qual, o pegureiro,
Tonto de amor, se cansa, em vão!

Logo das cousas foge a calma:
Em cada flor palpita uma alma,
E em cada fruto um coração...

## Á ESPERA DO LUAR

DO balcão de ouro, que um rosal incensa,
Pelas arvores calmas, orvalhadas,
Teus olhos, cheios de saudade intensa,
Ainda procuram formas apagadas.

Dentro da sombra velludosa e densa,
Os chorões se debruçam nas estradas;
E pela noite azul, serena, immensa,
As horas tombam lentas, socegadas.

Emquanto o céo se enche de pedrarias,
Soluçam nos jardins as aguas frias
De um tanque, onde ha tritões de humidos flancos.

E, ao fundo, longe, antes que a lua rompa,
Ao som da avena rustica e da trompa,
Descem dos montes os rebanhos brancos.

## TRANSFIGURAÇÃO

QUANDO o silencio vai crescendo, quando
O poente accende os lirios de marfim,
As tuas mãos parecem pombas, voando
Na penumbra macia do jardim.

Como um cristal resoante, vaes passando,
Com perfumes nostalgicos, por mim;
E teus braços, de um talhe real e brando,
São dous pavões de espuma e de setim.

Subito, é um caule ideal teu corpo esguio,
Uma folha que esvoaça, no arrepio
Da ramaria ondeante dos chorões.

Mas, depois, vestes o ar de estranho luxo,
E, numa refulgencia de clarões,
Lembras a chuva de ouro de um repuxo!

## MELANCOLIA

A TARDE cae; no espaço triste
Os astros vêm, as aves vão...
Ah! tudo, tudo quanto existe
É dissabor, desillusão.

Andam, na estrada que seguiste,
Olhos sem luz, bocas sem pão.
Ha quanto tempo tu partiste?
Nem sabe já meu coração...

A frauta de um pastor remoto,
Por entre as sebes de jasmim,
Chora o amargor de quanto existe;

E, como um grande lirio ignoto,
Laivado de ouro e de marfim,
A tarde cae no espaço triste...

## EXILIO AMARGO

AH! toda esta ansiedade e toda esta tortura
Vieram morrer dentro de mim, sem um gemido.
Hora que, em vão, sonhei! A vida fel-a escura.
E, agora, meu desejo é um parque desflorido.

Tudo passou por nós, tudo passou... procura
No meu sombrio olhar aquelle aureo sentido,
E sómente verás, como em velha gravura,
A apagada expressão de um perfil esquecido!

E tu foste, depois, para a insomne alegria,
A semear, em clarões, na poeira das estradas,
A gloria do teu canto, o ouro da tua vida,

E eu fiquei para errar, mãos sem sol, alma fria,
Entre abysmos sem fundo, e selvas desoladas,
Na saudade e no horror de uma patria perdida!

Questa selva selvaggia ed aspra e forte
Che nel pensier rinnuova la paura...

DANTE. (Inferno. Canto 1º)

A RENATO ALMEIDA.

## FLORESTAS IRMÃS

OLHA estas frondes reaes que a lua banha,
Olha, e medita! A selva, aqui, se espelha
Entre pesadas sombras, que a scentelha
Das errantes estrellas acompanha.

Como, em torno, a floresta é espessa e estranha!
Não canta uma ave, nem a leve abelha
Esvoaça, nem, nas relvas, a vermelha
Papoula aos verdes brotos se emmaranha...

Olha, agora, tua alma; olha, e medita!
Que floresta de enganos, infinita,
Lentamente cresceu da tua dor!

Vê como, assim, na sombra mergulhadas,
Têm as duas florestas desoladas
O mesmo desespero, e o mesmo horror!

## CREPUSCULO

PAIRA no azul do céo, fino, leve, de espuma,
Um dolente languor de mulher tropical.
Ha, na sombra que desce, um adejar de pluma...
Choram pelos jardins repuxos de cristal.

Tal um fumo subtil, sobe no espaço a bruma.
Não tarda o luar... pois, já no olente laranjal
Piscam scentelhas de ouro, e anda, entre as folhas, uma
Palpitação fugaz de pedraria ideal.

Calam-se na distancia as estivaes cigarras,
Cruzam morcegos o ar. Que estranha melodia
Crava na alma da gente as sybilinas garras!

Que tumultos, que ondear de duvidas, que vão
Desejo de soffrer! Que lagrima sombria
Cae no vasio horror do nosso coração!

## A ETERNA PERGUNTA

DEANTE da eterna dor, do mal insano,
Não é muito a ventura promettida;
Não é muito uma vida, além da vida,
Onde será divino o sêr humano!

Dentro da sanha desse amargo oceano
De miseria contínua, repetida,
Cada illusão recorda uma ferida,
Cada alegria traz um desengano...

Porque, meu Deus, essa tortura immensa,
Essa noite profunda de descrença
Em que as almas se agitam, com pavor?

Porque, Senhor, tanta revolta obscura,
Nessa infeliz, humillima creatura,
Que tem medo de crer no seu Creador?...

## DEPOIS DA ADOLESCENCIA

ESPIRITO impassivel, que dominas
Os secretos impulsos do meu ser,
Por que razões terriveis, sybilinas,
Me roubaste a alegria de viver!?

Dá-me as tardes de outrora, cristalinas,
E as luzes virginaes do amanhecer;
Põe-me, outra vez, nas avidas retinas
A graça dos vinte annos, o prazer...

Dá-me, um segundo ao menos, os enganos,
E aquelles erros meus, simples e humanos,
As doces esperanças, a illusão!

Não me esmagues, assim, attende um pouco:
A vida é bella! o raciocinio é louco!
Porque encheste de pó meu coração?...

## NOITE

NO remanso da noite, quem não sente
Uma velha afflição, magoada, immensa?
Quem não abaixa os olhos, de repente,
Cheio de inquietação, e de descrença!

Essa tranquillidade funda, algente,
Feita de desengano e indifferença,
Onde os sêres se apagam, lentamente,
Quem ha que dentro da alma insomne a vença?

Nas arvores, nas brumas vaporosas,
Nas pedras rudes, nas planicies, erra
A tristeza das cousas silenciosas.

E quanto mais de horror a alma recua,
Mais sombra cae dos ares sobre a terra,
Mais refulge no céo sereno a lua...

## AVATAR

ANTES, a alma que tenho, andou perdida.
Por que mundos rolou, que mão subtil
Poz tão nobre fulgor, e estranha vida,
Nesse bocado de ouro e barro vil?

De certo, arvore foi: verde jazida
De ninhos, sob o céo de espuma e anil,
E foi grito de horror, na ave ferida,
E, na canção de amor, sonho febril!

Foi desespero, soffrimento mudo,
Odio, esperança que tortura e inferna;
E, depois de exsurgir, triste, de tudo,

Veio para chorar dentro em meu sêr,
A amarga maldição de ser eterna,
E a dor de renascer, quando eu morrer!

## DEUS

A QUE terras sombrias e geladas
Fantasma, nos conduzes? Que florestas
De arvores negras, solidões funestas,
Guardarão nossas almas torturadas?

Entre vãos desesperos, e entre festas,
Depois de tantas illusões falhadas,
Na successão de noites e alvoradas,
Só tu, funebre horror, só tu, nos restas!

Só tu, funebre horror maravilhoso,
Que não dás um minuto de repouso
Ao nosso humano, estreito coração;

Só tu, figura pensativa e estranha,
No alto da tua tragica montanha,
Onde nem chega a nossa maldição!

## DESEJO

PELO nosso desejo enlouquecemos;
Pois, no bem alcançado, um novo engano
Enche de angustia o coração humano,
Com a ventura que não alcançaremos!

Dolorosa illusão, que não podemos
Supportar, nem vencer, e é mal insano
Que ruge dentro em nós, como um oceano,
Onde, aos poucos, chorando, nos perdemos.

Dolorosa illusão, que é a propria vida,
Fugitiva, fallaz, inattingida,
Que as nossas mãos procuram, sem tocar.

Ah! desejo, que, em sendo satisfeito,
Augmenta novamente em nosso peito
Como as ondas augmentam sobre o mar...

## A UM FILHO PRODIGO

VOLTA! ainda é tempo! Branca, no horizonte,
Tua aldeia sorri sobre a collina.
Cumpra-se nesses valles tua sina,
Seja teu mundo esse tranquillo monte;

Seja teu mundo essa encurvada ponte
Que, sobre o rio, tremula, se inclina,
E esse trecho de céo que te illumina
A larga, franca e pensativa fronte!

A vida, ahi fóra, em ondas, tumultua.
Ouve teu rude coração. Recua!
Volta aos humildes, mas felizes, tectos:

Que as estrellas terão mais calmos brilhos
Para velar o somno de teus filhos,
E a terra sorrirá para teus netos!

## A RESPOSTA DO HOMEM

*A Freitas Valle.*

HOMEM! que queres mais? Dei-te a alegria
Que move os mundos harmoniosamente;
E o céo cheio de estrellas, e a poesia
Da aurora casta, e a lagrima do poente.

«Dei-te a floresta espessa, e a pedraria
Limpida, a agua das fontes, transparente,
E o vinho de ouro, a flor tremula e fria,
E o silencio mais sabio que a serpente...

«Dize, que queres mais? O amor, a gloria,
A força, ainda mais bella que a Belleza,
A eternidade na hora transitoria?

«Que queres mais, se as tuas mãos têm tudo,
Se é toda tua a immensa Natureza?»
E o Homem olhou a terra, e ficou mudo...

## FUMO

TODAS as formas passam, lentamente,
Por meu desejo, que anda a procural-as.
Mas, se tento attingil-as, de repente,
Mudam-se em fumo, em sombra, em nevoas ralas.

Palavras, que são como a agua dormente
Na clausura de um vaso! Onde encontral-as,
Capazes de exprimir o sonho ardente
Que ha num repuxo, ou num collar de opalas?

Palavras que promettem maravilhas,
Como, á distancia, o mar, que se abre em ilhas,
Em perolas, madréporas, coraes...

Mas, que a um leve tocar das mãos ansiosas,
Quebram no azul as linhas caprichosas,
Como as ondas amargas contra o caes!

## FOLHA DE OUTONO

QUE fizeste?», anda o vento na alameda
A perguntar-me. «Olha que a vida passa
Como o rumor finissimo da seda
E o som subtil da onda medrosa e lassa!»

«Planta mesquinha de um torrão de greda,
Franzino arbusto, sem verdor, sem graça,
De que flores brotou a fruta azeda,
Que deixaste rolar da fronde escassa?»

Isto dizendo, o vento taciturno,
Corre, veloz... E, emquanto o céo nocturno
De sombras silenciosas se povôa,

Como dourada e velludosa abelha,
Sobre a chamma da lampada vermelha,
Leve, uma folha tremula revôa...

## PÓ

«DE onde vens, cavalleiro mysterioso,
No teu ginete de revoltas clinas?
Que manhãs, e que tardes cristalinas
Atravessaste, inquieto e sem repouso?»

Olhando, assim, no cimo das collinas,
O vulto pensativo e silencioso,
Os homens clamam, prelibando o goso
Das verdades eternas e divinas.

«Quem é o nosso Deus? A dor, a gloria,
O sonho, o amor? Que força transitoria,
Para a illusão, formou o nosso sêr?»

E os homens viram, mudos, de repente,
Uma nuvem de pó subir no poente,
E o cavalleiro desapparecer...

## NO ALTO DA MONTANHA

*A Rodrigo Octavio Filho*

O HOMEM medita... A sombra ondeia, suavemente,
Sobre a planicie, longe. A voz das cousas, lassa,
No ar da tarde, subtil, como um suspiro passa,
Cresce, um pouco, e, depois, cala-se de repente.

O homem pensa: Ser bom! e, ao mesmo tempo, algente,
Um passaro nocturno as asas espedaça
De um pobre insecto esquivo, e uma alta estrella traça
Uma curva de luz no céo indifferente...

O homem escuta: O mundo accorda na sua alma!
E o silencio feliz da Natureza calma
Não lhe ouve o coração, que se abre num só grito!...

E o homem levanta o olhar, e vê que anda por tudo,
Nas montanhas, no chão, no mar, no espaço mudo,
Essa tristeza immensa e vaga do infinito...

## FABULA

SUSPENSO ao ramo verde, o fruto louro
Entreabre para o sol, como um escudo,
A rosea pelle, toda estriada de ouro,
Que lembra, na maciez, pluma ou velludo.

Parece, dentre as folhas, um besouro,
De asas fechadas, reluzente e mudo;
Emquanto vaes, assim como a um thesouro,
Subindo, pouco e pouco, o tronco rudo.

Cuidado! Não te arraste a lide insana,
Vê melhor! Quasi sempre as amarguras
Já foram sonhos, dentro da alma humana...

Se tens sêde, e mais nada, a arvore é boa.
Mas se é felicidade que procuras,
O besouro se move... e o fruto vôa.

## CAMINHO ETERNO

OS homens vão as almas arrastando
Por abysmos sem luz, e por estradas,
Onde o sonho mais limpido e mais brando
Logo se volve em sombras desoladas.

As mãos levantam no ar, e é, sempre, quando
As mãos levantam, tremulas, cansadas,
Que outros caminhos surgem, serpenteando,
No pincaro de serras escarpadas!

Onde a felicidade promettida?
A insania que nos leva para a vida
Leva-nos, todos, para um bem ausente.

E, depois de andar tanto, que perdura?
Um punhado de cinzas, e a amargura
De ter andado tanto, inutilmente...

# INDICE

Vida . . . . . 9

POEMAS DE AMOR

Nocturnos
I . . . . . 15
II . . . . . 17
III . . . . . 19
IV . . . . . 23
V . . . . . 25
VI . . . . . 27
VII . . . . . 29

ELEGIAS

I . . . . . 33
II . . . . . 35
III . . . . . 37
IV . . . . . 39
V . . . . . 41
VI . . . . . 43

ROMANCE E BALLADA

Romance . . . . . 47
Ballada . . . . . 49

POEMAS DA NATUREZA

Allegoria da manhã . . . . . 53
Allegoria da tarde . . . . . 57

POEMAS E SONETOS

Allegoria da noite . . . . . 59
Manhã de inverno . . . . . 61
Maio ridente . . . . . 63
Crepusculo . . . . . 65
Primavera . . . . . 67
Serenidade . . . . . 69
Noite de junho no campo . . . . . 71
Manhã de pedrarias . . . . . 73
Tarde de chuva . . . . . 77
Minueto . . . . . 79
Silencio . . . . . 81
Na doçura da tarde . . . . . 85

POEMAS DA VIDA

Deante da vida . . . . . 89
II . . . . . 93
III . . . . . 97
A um adolescente . . . . . 101
I . . . . . 103
II . . . . . 105
III . . . . . 107
IV . . . . . 109
V . . . . . 111
VI . . . . . 113
VII . . . . . 115
Destino . . . . . 117
Onda . . . . . 119
II . . . . . 121
III . . . . . 123
IV . . . . . 125
V . . . . . 127
VI . . . . . 129
A estrada sem fim . . . . . 131
Entre os choupos da estrada . . . . . 135

SONETOS

I — Velhas imagens . . . . . 141
II . . . . . 143

III — A uma Senhora indifferente. . . . . 145
IV . . . . . 147
V . . . . . 149
VI . . . . . 151
VII — Depois de ler a «Vita Nuova» . . . . . 153
VIII . . . . . 155
IX . . . . . 157

## FIGURAS DE CINZA E DE OURO

Pastoral . . . . . 161
Pean . . . . . 163
Medalhão . . . . . 165
Festim pagão . . . . . 167
Baixo-relevo . . . . . 169
Vinho amargo . . . . . 171
Chuva de astros . . . . . 173
Festa veneziana . . . . . 175
Sombras que voltam . . . . . 177
Vesperal . . . . . 179
Pomona . . . . . 181
Á espera do luar . . . . . 183
Transfiguração . . . . . 185
Melancolia . . . . . 187
Exilio amargo . . . . . 189
Florestas irmãs . . . . . 193
Crepusculo . . . . . 195
A eterna pergunta . . . . . 197
Depois da adolescencia . . . . . 199
Noite . . . . . 201
Avatar . . . . . 203
Deus . . . . . 205
Desejo . . . . . 207
A um filho prodigo . . . . . 209
A resposta do homem . . . . . 211
Fumo . . . . . 213
Folha de outono . . . . . 215
Pó . . . . . 217
No alto da montanha . . . . . 219
Fabula . . . . . 221
Caminho eterno . . . . . 223

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 2 DE MAIO DE 1923

419326

LPor
C3317po

Carvalho, Ronald de
Poemas e sonatos. Ed.2.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET